

# VIDA FLUMINENSE

Editorial Staff.

**ESCRITORIO  
RUA DO OUVIDOR**

## RUA DO QUADRO

52-sabracle-52

CORTE

Trimestre  
Semestre  
Anno

50000  
100000  
200000

Semester  
Anno  
Augusto

118000  
218000  
118000



Este puxinho não quer pegar na isca! Felizmente a amanhã paciencia é grande.... e .... com gaitinho...

**A grande tiragem que fazemos, presentemente da VIDA FLUMINENSE, obriga-nos a começar na segunda-feira pela manhã a impressão das suas quatro páginas desenhadas.**

Estava, portanto, já no prazo o numero passado, quando fomos tão dolorosamente surpreendidos pela infiusta noticia do prematuro passamento da sereníssima Princeza a Sra. D. Leopoldina, Duqueza do Saxe.

Foi-nos por esse motivo impossível cumprir o dever de pagar, como desejavamos, o ultimo tributo de veneração e respeito à memoria da virtuosa finada, apresentando seu retrato nolugar de honra de nossa folha.

Fazemol-o hoje.

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 18 de Março de 1871.

O *Diário de Notícias* fallou verdade nra vez, e essa foi quando disse—que era uma folha unica no seu genero.

Unica! Unica, realmente.

Qual das outras, entre as muitas que se publicam nsta bona cidade, tem a habilidade de tirar tanto partido dos processos escandalosos?

Nenhum.

Nenhum soube explorar tanto a mina Jucá Rosa como elle.

Os diversos depoimentos que então inserio em uns columnas, cheios de reticencias e de inícios, deram peior copia da moralidade fluminense do que os proprios erimes atribuidos ao mercurio africano pelo *Diário de Notícias*.

Esgotado este assumpto, andou o redactor da mencionada folha á cata de outro, que lhe favorecesse a venda quotidiana de mais alguns numeros, à razão de quarenta réis cada um.

Tanto procurou.... tanto, que por fim achou.

E este não vale, por certo, somenos do que o Jucá Rosa.

Nos interrogatorios feitos pela polícia às desgracadas escravas, que eram por seus senhores obrigadas a viver em má vida, deparou o *Diário de Notícias* com um riçíssimo manancial de renda.

Esse interrogatorio só tambem é feito de inícios.

Se as não tivessem pouco ou nada valeriam elles, porque o existe da causa é dar asa a que se atribuam a diversas pessoas concorrentes, de uma moralidade illibada, as forças relatinhas nos depoimentos.

Isso é que é engrenado!

Já uma vez aconselhei ao *Diário de Notícias*, e faço gosto em repeti-lo agora, que nas questões como estas ou nra publique *mais ou publique tudo*.

O que não convém é o meio termo.

O que não convém são essas reticencias e inícios, que são tiros de cígo, dados a esmo, sem pontaria, e que deixando de acertar no unico culpado, vão ferir a reputação de meia duzia de inocentes.

Mas sei d'antemão que estou pregando aos peixinhos.

Olá se estou!

A remoção da cordilheira de atterro do largo do Poco, proxima á ponte das barcas fluminenses, faz-se com toda a celeridade.

Ali apparece, duas e mesmo tres vezes por dia, uma carroça que em poucas horas (e não trabalha a vapor) se enche de terra, retirando-se em seguida.... com as formalidades do estylo.

E a cordilheira vai diminuindo, diminuindo a olhos vistos.

Diminuindo tão depressa, que antes do fim do anno estará reduzida a pouco mais da metade do que era há tres mezes.

Away?

Assim é que se trabalha na America do Norte, no paiz por excellencia da actividade, no paiz em que se considera que o tempo é dinheiro.

Vamos nos americanisando muito, palavra de honra!

A proposito de tempo, ah! vai um *calembour* ingles, que, por milagre não sei de que santo, nada perde com a traducção.

E em forma de interrogação.

— Qual é o homem que come mais tempo?

— E' o que come todos os dias.

Vejam lá se entendem.

Eu entendi; entretanto não posso deixar de reconhecer que, a respeito de trocadilhos inglezes... temos conversado!

Sabem todos como as crianças crescem depressa. Desenvolvem-se, por assim dizer, a olhos vistos.

Faz-me isto lembrar uma pergunta ao leitor:

— Porque é que quasi sempre a gente acha leve uma criança, logo que a pega ao colo, e começo a sentir-a mais pesada cinco minutos depois?

Não sabem? Eu lhes digo: é porque a criança vai crescendo.

E um gosto passar pela rua da Carioca só para ver aquela enfadada de carroções de mudança, cada qual mais bojudo.

Haverá nada tão commodo! O venturoso proprietário de tais veículos só tove de alugar um quartinho, que transformou em escriptorio.

Para que mais? Não está ali a rua, onde os carroções são lavados e onde esperam fretes?

Se algum carro ou tilbury vem imprudentemente parar proximo delles, fica impedido completamente o trânsito publico.

Mas que tem com isso o homem dos carroções.... a camara municipal.... e o fiscal da freguezia?

A culpa recade toda sobre o tilbury ou carro que parou!

Olaré!

A. de C.

— 1860-18

### Theatrolícos.

Nos dicionarios da lingua portugueza não vem este vocabulo por ser moderníssimo.

E' como um pão sahinho do forno.

Theatrolícos significam, porco mais ou menos, o seguinte: fraudulencias dramaticas, frioleiras themes, insignificancias criticas, puericias artisticas, considerações que não devem merecer a menor consideração, pistoliuha de vintem, cujas lagrimas unem haio de chegar a cahir nem a doz braças dos thronos excessos, em que se contam os impeccaveis emprearios e suas laureadas phalanges de artistas inspirados....

Ahi está!

Ahi está o que é isto na theatrolícos!

Ninguem, portanto, se incomode com o que ellas disserem.

Se for de censura o seu fundo, mimosei-o com um sorriso do mofa e com esse erguer, tão significativo, de lambros, que é a mais amena expressão de desprezo.

Se for deelogio o seu contexto.... virem folha, virem folha, virem folha.... como quem não quer aconselhar.

Vai isto em fórmula de prefacão, prologo, introdução ou que melhor nome tenha, como dizia o outro.

Entremos em materia.

Portifada andou até agora a luta entre os quatro theatros mais ou menos dramaticos da capital do Imperio.

Cada um no seu genero, cada um na sua esphera especial procuram angariar a sympathia publica com detrimento de seus tres competidores.

O S. Pedro explorou os dramas de grande apparato.

O S. Luiz as altas comedias, ou comedias de courtois.

A Phenix as comedias baixas ou as comedias de chinelos.

O Gymnasio... esse requer uma explicacão.

Não sei que nome tem, artisticamente falando, o genero *suí generis* de que lancou mais seu illustre emprezario nestes ultimos mezes. Mas como tudo deve ter um nome, peço venia para classificá-lo no novissimo *genro MAIZENA*, em attenção ao muito *milho* que se tem descascado e reduzido a pó sobre seu tablado.

Submetto esta mihi classificacão à approvação do donto conservatorio dramatico.

Fica, pois, assentada como verdade inconcussa, que cada um dos quatro emprezarios (Germano, Fartado Coelho, Jacintinho Heller e Valle) eividou o supremo esforço, o quo é muito digno de louvor, para chamar nos seus bancos a maior concurrencia de seus espectadores.

Nesse justo esforço formou cada qual um nucleo de artistas especialistas, como soem ser todos os que tem algum talento, e preparou um repertorio adequado no genero que adoptou.

Com tacs elementos nisso podia deixar de prosperar a arte.

E prosperou.

Havia emulacão, e a emulacão é uma arvore que dà sempre fructos saborosos.

Derepente mudou tudo de aspecto.

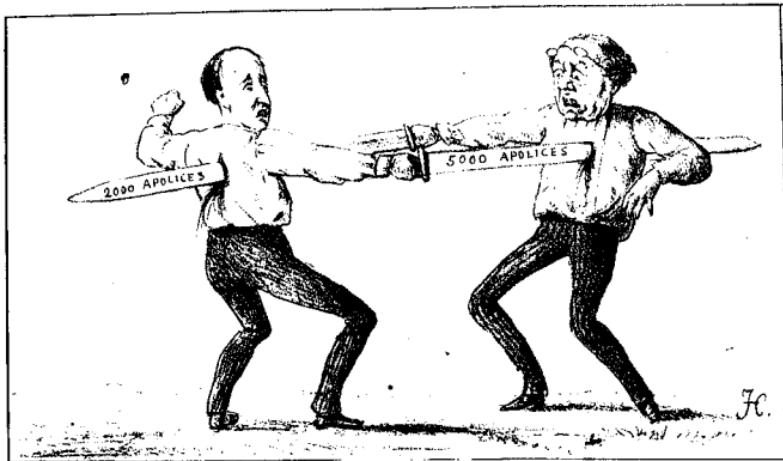
A emulacão honesta transformou-se em feia inveja. Os quatro tabernaculos desfiguraram-se em quatro casas de cambio.

A arte de Talma passou a ser puramente arte de ganhar dinheiro, seu criterio, sem pudor artistico. Baralhou-se tudo.

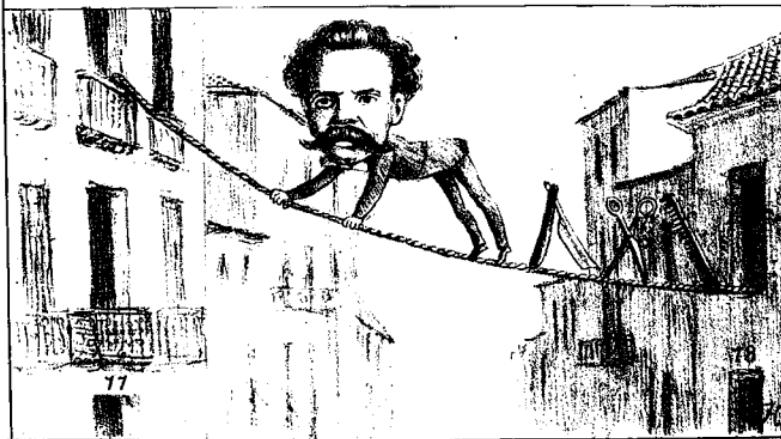
O Gymnasio, que mal tem pessoal habilitado para descascar seu milho, invadiu com arrogancia hispaniola as sefras do S. Luiz e da Phenix.

O S. Luiz que sofre de *garridices chronicas* (molestia aguda), deu de mão nos seus brios para enciar o pôr em scena a opereta, vertida do hispanhol, *O Joven Telemaco*, com o só fito de prejndicar a Phenix, quo ha mais de dous annos exhibe produçoes desse genero.

A VIDA FLUMINENSE



*Mo pena de Galião.  
Quem com apólices mata, com apólices morre!*



77

*"Maus senhores, mudo de cara. Estava no N° 78, passo para o numero 77. Postei de numero, porque no loto chamarrei. They sempre fornecem de mulher, e U.F. S.E. sabem que as minhas nabalhas, os meus pentes, as minhas thesouras e o sexo fraco... saí realmento o meu fraco. A casa está muito arie. Verham ver.*



Ernesto Rossi  
no Hamlet de Shakspeare.

A Phenix tão desuportada como os outros theatros quiz também ataviar-se com as penas do pavão, e vil-a bracos com os dramas e altas comedias, apesar da tremenda decepção porque passou com a sua primeira especulação, o *Condémando, condémando* pelo publico tão estrepitosamente.

O S. Pedro, se bem que nuna ou outra vez haja também subido um pouco fôrça das sumas raias naturaes, é o unico que tem procedido, em regra, com algum discernimento, e a proxima representação da lenda *As tentações de Sátana* bem a prova.

Estão, pois, todos os theatros fôrça dos seus devidos eixos.

E continuâo a estar, enquanto cada um dos emprezarios persistir em curar mais na ruina de seus competidores, do que no aproveitamento dos recursos de que dispõe.

Ainda se fôssem elles os unicos prejudicados!

Portém a arte tambem se resente e muito com tacs manejos mercantis.

E o publico... esse coitado vê-se em um dilemna terrivel: ou ha de resolvêr-se não frequentar theatros, ou a vêr actores comicos representando dramas de força e actores dramaticos interpretando e cantando operetas!

Felizmente para os amantes de theatros vne inau- gurar-se agora uma quadra auspiciosa, que os liber- tará do bicorrido argumento.

Ahi vem a Companhia Lyrica, que tantos aplausos colheu no anno proximo passado, reforçada com douz cantores de primeira ordem (um soprano e um bariton) a apresentar na scena do theatro D. Pedro II oito ou dez operas novas, para nós, dos melhores mestros.

Ahi vem Rossi, o celebre artista dramatico, o unis celebre talvez de quantos possue hoje a velha Europa; ahi vem com uma companhia completa para extasiar-nos com seu robustissimo talento.

Cerramos todos aos theatros Lyrico e D. Pedro II

Cerramos sim, e deixemos, envoltos no pô que levantam, esses bofarinhheiros da arte, que mais se afadigam em tornar bem patente as avarias da fuzenda dos seus collegas, do que em provar a excellencia da sua.

Como se fosse epílogo:

Não tenho amigos.

Se os tives e, diria como o outro: *sed magis amica veritas.*

O que desejo é stigmatisar essa mania que nossos emprezarios tem de plantar arvores, não para colherem seus fructos, mas para cobrirem de sombra as quintas dos vizinhos.

Para conseguir esse intento nada pouparei.

Não conheçendo nem emprezarios, nem artistas, estou no caso de criticá-los com imparcialidade.

Poderrei errar em mens juizos por má apreciação, por perversão de paladar artístico.

Nunca, porém, aquilatarei um actor pelo sympathia ou antipatia que me inspira.

Estamos entendidos.

— 17 de Março.

D. FIAS.

### Assunto de varias cores

(Não ha espaço para o sumario.)

O calor vai diminuindo de intensidade.

Se, para provar esta proposição, não bastassem as constantes lamurias dos negociantes de gelo, o noriz afilado de mestres Schreder, e Guimaraes, os dous mais conspicuos fabricantes de sorvetes; a concorrência por demais razoavel que actualmente invade os nossos theatros, proval-a-his de sobra.

Um motivos que justificam essa concorrência.

Os emprezarios, acobardados perante as iras abrazadoras do astro diurno, tomam folego apenas este começáo a modificar os seus rigores, e procuram por tal forma aguçar a curiosidade publica, que não resiste esta tentação de verificar por si, se é exacto tudo quanto se vê ahi affixado pelos cauts das ruas, ou prometido em pomposos annuncios das folhas diarias.

E assim que, dos quatro theatros actualmente em servizo activo, nem um só tem lá grandes razões de queixa.

E assim que mestre Arnaud, fiel ao risco não é com vinagre que se apanham moscas, trata de reforçar o pessoal artístico da sua troupe, contratando Mlle. Delmary, (a artista sympathica e intelligente de quem os habitués se lembravam com verdadeira saudade, e a quem prodigalizaram constantes ovacões na noite da sua reentrada) e prometendo-nos para breve a estreia de Mr. e Mme. Dupont n'uma operetta nova para o nosso publico e destinada a conservar-se por muito tempo no cartaz, se o exito obtido entre nós corresponder á voga que elle out'ra teve em Pariz.

E assim que a Phenix Dramatica chamando Joaquim Augusto e Ismenia, para o gremio de seus artistas, e recorrendo ao repertorio que out'ra engrandeceu o Gymnasio, dâ um passo de gigante e mostra exuberantemente que não recua diante de quaisquer sacrifícios para satisfazer as crescentes exigências de seus frequentadores. (Estes reconheçam os esforços da empreza atulhando todas as noites a sala da ria da Ajuda.)

E ainda assim que o Valle—saudoso daquelle tempo em que, gráças no Panorama de Lisboa, o bilheteiro se via em calças pardas para dar vassão aos centenares de intosinhos que de todos os lados lhe estendiam a quota exigida pelos lugares,—encarrega seu talentoso irmao de pintar uma tela de grandes dimensões, representando a cidade do Porto com a exactidão de que só é capaz quem, como o Sr. Valle, lá passou alguns annos, e conhece a palmos desde o ultimo beco até à rua mais aristocratica da segunda cidade de Portugal.

E ainda assim que o Sr. Germano para competir com tudo quanto vai dito, lança mão de uma peça

espectaculosa, onde a literatura não foi desprezada, e o scenario e machinismo brilhante e completamente atendidos.

Não falta, pois, onde a troco de alguns tostões se passam noites aprazíveis.

\* \*

Se os velhos e adultos encontram nos theatros, de que me ocupei até agora, soberba distração nos desabores da vida; as crianças e fumantes não a tem somenos na esplêndida loja do "CINEMA TURCO" onde os brinquedos andam a tres por dons, e os charutos correm paralelos com o nectar das deuses.

O Sr. Polonio, dono do estabelecimento (ontem visto à rua do Ouvidor n.º 45) entendeu que o comércio de charutos e bonecos não podia ficar estacionário, e para mostrar que é progressista deveras, inaugurou, na casa n.º 70 da mesma rua, uma exposição de artigos para crianças e fumantes, que mette n'um chinelão todas as exposições deste gênero feitas até hoje entre nós.

\* \*

Recebi há dias o seguinte bilhete:

"ilm. Sr.—Sob o título de FAZENDAS QUASI DE GRAÇA, acabo de abrir um estabelecimento de fazendas, situado na Assembleia n.º 73.

"As vantagens, que me oferece a resolução de só comprar a dinheiro, habilitam-me a vender por preços, mas que razoáveis, todas as mercadorias de que se compõe o meu negócio.

"Desejando que minha casa se torne conhecida, peço-lhe que anuncie aos seus assinantes as invaluáveis vantagens de meu estabelecimento, onde efectivamente as fazendas são vendidas QUASI DE GRAÇA.

"Subscrevo-me.—Seu constante leitor.—João Mancio de Toledo Franco."

No dia seguinte, para verificar a exactidão de tudo quanto vai dito dirigi-me a casa do Sr. Toledo e comprei lá por seis o que, não ha ainda dous meses me havia custado dois em outra loja!

Parece incrível; mas o caso deu-se assim mesmo!

\* \*

Foram oferecidos à redacção deste semanário:

"O grande mappa do cerco de Paris" trabalho importantíssimo e onde se podem ver com excessiva facilidade as posições ocupadas pelo exército prussiano, e os fortes que se acham entre estas e as linhas de defesa, ou baluartes da grande cidade.

"Grammatica francesa de Adolpho Tiberghien, já muito elogiada pela imprensa diária.

Agradecemos deveras ambas as offertas.

**X** O retrato da chorada Princeza que ocupa a última pagina desta folha é cópia de uma primorosa photographia do Sr. Insley Pacheco.

Agradecemos ao distinto artista a boa vontade e promptidão com que nos remeteu a supracitada photographia.

A. DE A.

## Rossi

Na 3.ª pagina do nosso semanário encontrará o leitor o retrato deste célebre tragicó, trajando as roupas de Hamlet, e caracterizado tal qual se apresentava outr'ora perante o público de Milão.

Acresce do modo por que Rossi conseguiu criar o importante e colossal personagem da tragédia de Shakespeare, e os triunfos que lhe foram prodigalizados na noite do seu ultimo benefício, em Milão, parece-nos acertado reproduzir aqui o artigo publicado no *Mundo Artístico*, cuja transcrição será lida com prazer por quantos tem ainda um pouco de amor pelas coisas da arte.

Eis o artigo:

*A relação circunstanciada de quanto se passou no theatro Real hontem à noite resume-se em um hymno, não interrompido de clamoroso entusiasmo. Hamlet e Rossi foram dignos um do outro. A arte verdadeira, a arte sublime e transcendental, a arte de Talma, de Modena e de Kean, approximou por tal sorte o artista italiano do príncipe dinamarquês que o público por vezes esquecia o primeiro para só lembrar-se do segundo.*

*O repertório de Ernesto Rossi é rico e variado, mas o HAMLET basta por si só a manifestar os inumeros recursos do grande artista, a quem o público milanez deve horas de indivisível entusiasmo!*

*Se como tragedia, o HAMLET é a folha mais virente dos trabalhos de Shakespeare; como criação artística é a pedra de topo destinada a aquilatar o enorme talento de Rossi.*

*O público, apesar de conhecer de há muito a obra do português não se cansava de vistorial-a hontem à noite; e a multidão que apinhava o theatro, a cada passo prorrompia em manifestações ao grande tragicó que assim lhes descendava belas artes ad alii descomunicadas.*

*Coroas, flores, um primoroso retrato de lapis de Fontana, e alguma mimosa de subido rulor feitas a Rossi, durante o curso da representação completaram o cortejo de orações, a que só tem direito os talentos excepcionais.*

*A noite de hontem foi para Rossi, e para o público milanez, uma verdadeira festa da arte; e os principais órgãos da imprensa italiana concedendo ao nosso herói as horas de honra dos TRAGICOS MODERNOS fazem-lhe inteira e completa justiça.*

A. DE A.

## ANNUNCIO

Uma senhora, completamente habilitada a ensinar piano, e as línguas francesa, inglesa e alemã, propõe-se a leccionar por casas particulares e collegios.

Recebem-se recados no escriptorio destu folha.

52 RUA DO OUVIDOR 52

TYP. AMERICANA—RUA DOS OURIVES 19.



*S. A. e Sereníssima Princesa D. Leopoldina.  
Princesa de Saxe.*